

ARTIGOS

Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?

Alberto Antoniazzi*

RESUMO

Entre 1991 e 2000, a porcentagem de católicos caiu de 83,3% para 73,9%, a dos evangélicos cresceu de 9% para 15,6% e a dos “sem religião” subiu de 4,7% para 7,4%. Como entender essas mudanças? Qual a responsabilidade da Igreja católica? O artigo apresenta, primeiramente, a visão sobre a diversidade religiosa, as mudanças ocorridas nas últimas décadas. Discute a seguir sobre a “Força e fraqueza da presença católica”, construindo um “mapa do catolicismo”. O terceiro enfoque reflete sobre as causas desse “enfraquecimento”, especialmente, os movimentos migratórios da população brasileira e os problemas da resposta da Igreja para acompanhar essa mudança, tanto nas “novas frentes migratórias” quanto nas periferias dos grandes centros. Deixando o campo católico, analisa-se a diversidade das igrejas evangélicas ou os protestantes tradicionais e depois a “expansão pentecostal”, em sua enorme diversidade, com destaque ao neopentecostalismo e seu profissionalismo empresarial. Finalmente, aborda-se o fenômeno das “outras religiões” e o crescimento dos “sem-religião”.

Palabras clave: Religião; Diversidade religiosa; Panorama religioso brasileiro; Censo 2000; Igreja católica.

OLHAR DE CONJUNTO SOBRE O FENÔMENO DA “DIVERSIDADE RELIGIOSA”

OS RESULTADOS DO CENSO de 2000 relativos às religiões foram divulgados há bastante tempo, mas – salvo engano meu – a discussão sobre as mudanças registradas e suas causas foi pequena. Não faltaram algumas especulações ou alguns alarmes por ocasião da publicação dos dados,¹ mas nem sua apresentação cuidadosa e eficaz, num belo **Atlas da filiação religiosa**,² moti-

* O presente artigo foi publicado originalmente no **Jornal de Opinião** (Belo Horizonte), em seis partes, nas edições de n. 810 a 815. Pe. Alberto Antoniazzi autorizou sua publicação também na revista **Horizonte**, na qual fazia parte de seu Conselho Editorial. Seus textos foram gentilmente cedidos e encaminhados pela redação do **Jornal de Opinião**, a quem **Horizonte** agradece profundamente. A reorganização e a numeração dos títulos do artigo e a renumeração das notas, criação/organização de tabelas, e a reunião das seis partes originais é de responsabilidade do editor. Posteriormente, a editora Paulus publicou também esse mesmo texto em forma de livro.

** Teólogo, Doutor em Filosofia, pesquisador das religiões, especialmente do catolicismo, sacerdote da Arquidiocese de Belo Horizonte, com intensa assessoria junto aos bispos, na CNBB, assumiu significativas funções na formação e coordenação pastoral em

Belo Horizonte. Foi professor de teologia no Seminário, vice-reitor da PUC Minas nos anos 1980 e, desde 1990, dedicou-se ao Projeto Pastoral “Construir a Esperança”. Sua atuação inspirou projetos como “Rumo ao Novo Milênio” (1998-2000) e “Ser Igreja no Novo Milênio” (2001-2003), da CNBB. Até sua morte, Pe. Alberto dirigia e ensinava no Curso de Teologia da PUC Minas. No dia de Natal de 2004, às 9 horas, faleceu no Hospital Madre Teresa, em Belo Horizonte, deixando grande herança intelectual e pastoral.

¹ A primeira divulgação dos dados sobre religiões, com base na “tabulação avançada”, foi feita pelo IBGE, em 8 de maio de 2002. Veja os jornais de 9/5/2002. Comentei esses dados no **Jornal de Opinião** no mesmo mês de maio.

² Referimo-nos ao **Atlas da filiação religiosa** e a indicadores sociais no Brasil, produzido por JACOB; HEES; WANIEZ; BRUSTLEIN (Editora PUC Rio e Edições Loyola, São Paulo, 2003. 240p.). É nesse **Atlas** que colhemos a maior parte dos dados que citaremos. Os dados do Censo 2000 podem ser encontrados também em publicações e arquivos do IBGE, que aqui usamos principalmente com relação aos municípios.

vou, ao menos no âmbito de pastores e teólogos da Igreja católica, uma análise e um debate aprofundados.

Talvez a razão desse silêncio seja a complexidade do assunto e até a surpresa. De fato, a diversidade religiosa no Brasil é impressionante, e a tentativa de discernir as causas das mudanças não é tarefa fácil. Portanto, com a prudência necessária face a esse desafio, vou tentar colocar em discussão algumas reflexões. Pretendo, principalmente, evitar um discurso genérico e simplista, para apontar aspectos diversos – e, a meu ver, relevantes – que devem ser considerados.

Examinarei, por isso, à luz dos dados do IBGE, do **Atlas** citado, do CERIS (sobre as estruturas e os recursos humanos da Igreja católica), de estudos de sociologia religiosa, as diversas famílias religiosas e suas diferenças, relacionando-as, quando possível, com o contexto cultural em que se situam. Por isso, tratarei separadamente católicos, evangélicos, outras religiões e “sem religião”.

Não pretendo, evidentemente, ser exaustivo e oferecer uma visão completa do fenômeno. Limitar-me-ei a indicar o que pode ajudar os católicos (mas também todos os interessados) a compreender as mudanças recentes que aconteceram e continuam acontecendo.

A difusão geográfica da “diversidade religiosa”

Antes de abordar temas específicos, vamos procurar um olhar de conjunto sobre o fenômeno da “diversidade religiosa”.

O Brasil, até os anos 70 do século XX, parecia um país católico, onde a religião católica não era só a da maioria, mas quase monopolizava crenças e atitudes religiosas. O Censo de 1980 registrou, pela primeira vez na história do Brasil, uma porcentagem de católicos inferior, embora de pouco, a 90%. Como vimos, tal porcentagem diminuiu nos censos seguintes: 83,3% em 1991 e 73,9% em 2000.

Temos assim um processo de diversificação religiosa, em que crescem as igrejas evangélicas (tradicionalistas ou pentecostais) e os “sem religião”.³ O processo não se dá com a mesma intensidade em todo o Brasil. Em 1980, o único Estado com alto índice de diversidade religiosa era Rondônia (JACOB; HEES; WANIEZ; BRUSTLEIN, 2003, p. 35). Outras áreas do Norte do País (a Amazônia, por exemplo) mostram também uma tendência,

ainda inicial, no sentido da maior diversificação. Aos católicos acrescentam-se especialmente evangélicos pentecostais. Em todos esses casos, estamos diante de uma população com forte número de migrantes, que vão ocupando áreas do território nacional até então não desbravadas.

Uma tendência à diversificação religiosa aparece também numa área diferente, a dos Estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Aqui a diversificação parece ligada às igrejas evangélicas mais tradicionais (há um número expressivo de luteranos, descendentes de imigrantes alemães, no Espírito Santo) e à sua expansão em áreas próximas (por exemplo, Governador Valadares, em Minas Gerais).

Os mapas de 1991 e 2000 confirmam as tendências de 1980 (JACOB; HEES; WANIEZ; BRUSTLEIN, 2003, p. 36-37). Rondônia e Amazônia apresentam o mais alto índice de diversificação religiosa, e a diversidade característica dos Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo penetra mais ao Norte (no sul da Bahia) e se expande pelo litoral brasileiro ao sul (São Paulo e Paraná). Em 2000, a diversidade religiosa se torna relevante nas grandes metrópoles, especialmente pelo crescimento do número de pentecostais e de “sem religião”. Em geral, a diversidade religiosa tende a se tornar uma realidade comum a todo o Brasil, com exceção de três áreas: o sertão nordestino; o interior de Minas Gerais; o interior de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

³ As outras religiões (espiritismo, umbanda, religiões orientais, judaísmo, islamismo...) estão estagnadas, desde 1980, em cerca de 3% da população brasileira.

Tabela 1. Dados gerais sobre religiões no Brasil.

Anos	População	Católicos	Evangélicos de missão	Evangélicos pentecostais	Outras religiões	Sem religião
1970	93.470.306	85.775.047 91,08%	4.833.196 5,2%		2.157.229 2,5%	704.924 0,8%
1980	119.099.778	105.860.063 89,0%	4.022.330 3,4%	3.863.320 3,2%	3.310.980 3,1%	1.953.085 1,6%
1991	146.814.061	122.365.302 83,3%	4.388.165 3,0%	8.768.929 6,0%	4.345.588 3,6%	6.946.077 4,7%
2000	169.870.803	125.517.222 73,9%	8.477.068 5,0%	17.975.106 10,6%	5.409.218 3,2%	12.492.189 7,4%

Fonte: Censo de 2000 do IBGE (para todas as tabelas).

Os “bastiões” do catolicismo

Essas áreas são apelidadas de “bastiões” do catolicismo pelos autores do **Atlas da filiação religiosa**. A seguir, estudare-

mos as características dessas áreas, onde o catolicismo se mostra mais vigoroso e resistente ao fenômeno da diversificação (ou pluralismo religioso). Em contraste, tentaremos analisar também as áreas onde o catolicismo se revelou mais “fraco” ou deixou mais espaço para outras igrejas.

FORÇA E FRAQUEZA DA PRESENÇA CATÓLICA

Falamos da diversidade religiosa no Brasil. Agora vamos nos concentrar na presença dos católicos e na diferente distribuição deles no País.

A evidência da diversidade de situações aparece confrontando a porcentagem de católicos por Estado. Segundo o Censo de 2000 do IBGE, tínhamos Estados “mais católicos” e outros, menos. As Tabelas 2 e 3 mostram a respectiva classificação.

Tabela 2. Estados com maior porcentagem de católicos.

Estados*	%
Piauí	91,3
Ceará	84,9
Paraíba	84,2
Maranhão	83,0
Minas Gerais	78,8

* Também o sul de Santa Catarina e o norte do Rio Grande do Sul têm uma porcentagem de católicos acima de 85%.

Tabela 3. Estados com menor porcentagem de católicos.

Estados	%
Rio de Janeiro	57,2
Rondônia	57,5
Espírito Santo	60,9

O mapa do catolicismo

Como se vê, as diferenças são atualmente muito expressivas. Mas um estudo mais detalhado dos mapas⁴ dá outras indicações preciosas. Por exemplo, o Nordeste – que apresenta o índice mais alto de católicos, ao menos nos quatro Estados citados acima – na realidade apresenta porcentagens altíssimas no interior, no sertão, e porcentagens fracas no litoral, do Recife ao sul da Bahia. Isso sugere (e a história me parece confirmar) que estamos diante de duas (ou mais?) situações religiosa-culturais bem diferentes: o catolicismo do interior tem caráter mais penitencial e foi marcado pelas missões populares de capuchinhos e

⁴ Como é possível ver no **Atlas da filiação religiosa**, nas Figuras 1.02 a 1.26, p. 20-31.

outros religiosos desde o século XVII; o litoral conserva um catolicismo mais festivo, ligado à devoção aos santos, mas menos austero e até bastante liberal em matéria de costumes. Nas cidades do litoral, tendências pouco dispostas a aceitar a hierarquia eclesiástica se manifestaram desde o século XVIII, revelando um senso crítico próprio de quem vive em ambientes onde há mais possibilidades de escolhas. Nesse caso, as raízes da situação atual afundam num contexto histórico bastante antigo, anterior ao esforço modernizador e romanizante da Igreja católica da segunda metade do século XIX e boa parte do século XX.

Foi observado que o catolicismo do interior nordestino está inserido numa população pobre e de baixa escolaridade.⁵ Mas certamente não se reduz a esses fatores a explicação da persistência e do vigor do catolicismo local. O outro núcleo de catolicismo forte é constituído pelo sul de Santa Catarina e pelo norte do Rio Grande do Sul (áreas de bom nível de escolaridade e de renda). É aqui que se encontram muitas poucas perdas de fiéis e até áreas onde os católicos não diminuíram em nada entre 1991 e 2000.⁶

⁵ E de maior desigualdade social: cf. os mapas 8.12 e 8.13 do **Atlas da filiação religiosa**, p. 148-149.

⁶ Cf. mapa 1.05, p. 23, do **Atlas da filiação religiosa**.

Os pontos fracos do mapa católico

Voltemos agora a nossa atenção aos pontos fracos do catolicismo no Brasil. As porcentagens por Estado revelaram três situações graves, quais sejam: Rio de Janeiro, Rondônia e Espírito Santo. Elas são uma pista mais geral: indicam áreas de imigração e ocupação recente (como Rondônia e várias áreas do Norte e Centro-Oeste) e metrópoles (como Rio de Janeiro, mas também São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife) como as mais problemáticas para os católicos.

No caso das metrópoles, não basta considerar os números das capitais. É preciso olhar principalmente para os municípios do entorno metropolitano, que, nos últimos 10-20 anos, cresceram enormemente em população, enquanto as capitais tinham crescimento abaixo da média nacional.

As regiões metropolitanas, a capital e os municípios do entorno

Vamos apresentar vários casos significativos e relevantes. Não pretendemos estudar todas as regiões metropolitanas, nem todas

as capitais, também porque algumas apresentam situações muito peculiares, que dificultam a comparação com as outras.

Começando pelo Norte, pode-se observar que a capital de Rondônia, Porto Velho, mesmo tendo uma porcentagem baixa de católicos (64,08%), está em situação melhor que o Estado (57,5%), o que significa porcentagens ainda mais fracas no interior.

Manaus, com 68,16% de católicos, está levemente abaixo do interior do Estado do Amazonas.

As capitais nordestinas têm todas uma porcentagem de católicos inferior à dos respectivos Estados, confirmando que – no Nordeste – o catolicismo é mais forte no interior (Tab. 4).

Tabela 4. Catolicismo no Nordeste.

Capital	%	Estado	%
Teresina	86,04	Piauí	91,3
Fortaleza	78,56	Ceará	84,9
Natal	76,27	Rio G. do Norte	83,5*

* Número da amostra preliminar, que pode ter sofrido alguma alteração na contagem definitiva.

Quando estudamos de perto uma grande região metropolitana, como Recife, aparecem as diferenças entre a capital (mais antiga e de crescimento lento nas últimas duas décadas) e os municípios do entorno, que receberam forte migração nos últimos anos (Tab. 5).

Tabela 5. Percentual dos sem religião na Região Metropolitana do Recife.

Município	Habitantes	%	% dos sem religião
Recife	1.422.905	64,37	13,30
Jaboatão dos Guararapes	581.556	59,28	13,41
Olinda	367.902	61,40	15,06
Paulista	262.237	61,07	12,96
Cabo S. Agostinho	152.977	49,54	18,56
Camaragibe	128.702	58,90	14,83

Não consideramos outros oito municípios da Região, com menos de 100.000 habitantes. Eles também apresentam (com exceção de Itamaracá) baixas porcentagens de católicos, entre 45,92% e 64,39%. É claro que os municípios do entorno têm menos católicos do que a capital. Nessa região metropolitana, é muito alta a porcentagem dos que se declaram “sem religião”, quase o dobro da média nacional (que é de 7,4%). Considerando que as “outras religiões” são cerca de 3% da população, pode-

se calcular que os evangélicos são cerca de 20% no Recife e entre 21% e 27%, nos outros municípios.

A Tabela 6 mostra as porcentagens de católicos das outras capitais nordestinas.

Tabela 6. Outras capitais nordestinas.

Capital	%
Maceió	72,22
Aracaju	77,37
Salvador	60,54

Metrópoles do Sudeste

Em Minas Gerais, onde o número dos católicos é bastante alto (78,8%), os pontos fracos estão nas áreas metropolitanas. Em Belo Horizonte, por exemplo, a porcentagem dos católicos é de 68,84%, mas municípios vizinhos, da Grande BH, apresentam índices inferiores, a saber: Ibirité, 61,48%; Ribeirão das Neves, 62,9%; Mário Campos, 62,99%; Vespasiano, 64,35%; Betim, 64,46%; Santa Luzia, 64,6%; Sabará, 65,44%; Contagem, 66,73%.

Outra área onde o catolicismo está enfraquecido, ao menos numericamente, é o Vale do Aço: Ipatinga tem 53,56% de católicos e 10,58% de “sem religião”; Coronel Fabriciano, 57,82% de católicos e 8,25% de “sem religião”. Outra cidade com forte presença evangélica, desde o início, é Governador Valadares (60,05% de católicos).

Já a Região Metropolitana de Vitória reúne quatro municípios com 300 ou 350 mil habitantes cada um. O Espírito Santo é um dos Estados com menor presença de católicos (60,9%), mas os municípios da RM apresentam índices ainda inferiores, exceto Vitória (63,36% de católicos). Os outros são: Vila Velha, 57,82%; Cariacica, 52,51%; Serra, 51,04%. É elevado o número dos “sem religião”, que chega a 13,71%, em Cariacica, e a 14,88%, em Serra.

Uma presença ainda menos numerosa de católicos encontramos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Enquanto a cidade do Rio de Janeiro tem 60,71% de católicos, os municípios vizinhos (citamos os que têm mais de 100.000 habitantes) têm:

Tabela 7. Percentual de católicos nos municípios vizinhos da cidade do Rio de Janeiro.

Município	%
Belford Roxo	38,22%
Nilópolis	51,33%
Duque de Caxias	45,42%
Nova Iguaçu	43,14%
Itaboraí	43,49%
Queimados	38,35%
Magé	49,43%
São Gonçalo	49,3%
São João do Meriti	45,68%

Na RMRJ, é muito elevada a porcentagem dos “sem religião”. Embora na cidade do Rio seja alta (13,33%, quase o dobro da média nacional), há municípios com valores muito maiores: Belford Roxo, 27,02%; Japeri, 26,6%; Itaboraí, 24,45%; Itaguaí, 22,9%; Nova Iguaçu, 21,88%; Duque de Caxias, 21,74%; São João do Meriti, 20,36%. Praticamente todos os municípios do entorno superam em número de “sem religião” a cidade do Rio de Janeiro.

Menos acentuadas são as diferenças na Região Metropolitana de São Paulo. A capital tem 68,11% de católicos. O ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano) tem porcentagem um pouco mais alta. Os pontos fracos estão em Poá, 54,12%; Ferraz de Vasconcelos, 57,33%; Suzano, 57,96%; Itaquaquecetuba, 58,2%; Francisco Morato, 63,19%; Franco da Rocha, 63,43%; Barueri, 63,56%; Carapicuíba, 63,76%; Guarulhos, 65,09%. A Região de São Paulo apresenta também presença menos numerosa de “sem religião” (de 7%-9% em São Paulo e municípios com mais católicos; de 11%-13% nos municípios com menos católicos), ou seja, a porcentagem é superior à média nacional (7,4%), mas sensivelmente inferior à da RM do Rio de Janeiro.

O Sul e o Centro-Oeste

No Sul, encontramos Curitiba, com 70,64% de católicos. Os municípios vizinhos têm valores bem próximos. Aqui os “sem religião” estão na faixa de 6%.

Porto Alegre apresenta 73,15% de católicos e 8,16% de “sem religião”. Os municípios vizinhos têm porcentagem mais alta de católicos e mais baixa de “sem religião”.

Finalmente, no Centro-Oeste temos Goiânia, com 60,28% de católicos e 10,12% de “sem religião”. O município vizinho de Aparecida (336.392 habitantes) tem 57,17% de católicos e 11,25% de “sem religião”.

O Distrito Federal (Brasília) tem 66,16% de católicos e 8,04% de “sem religião”.

É possível explicar essas diferenças e discernir as causas das fraquezas? É o assunto do próximo tópico.

MOVIMENTOS DA POPULAÇÃO E ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

Já estudamos os pontos fracos (do ponto de vista geográfico ou do território) da Igreja católica no Brasil. Prometemos procurar as causas. Essas são certamente numerosas e complexas, mas pouco adianta apontar para as mudanças culturais de caráter geral (modernização, secularização, individualização, subjetivismo, relativismo, hedonismo) (MELMAM, 2004). Essas mudanças afetam todas as religiões, mas, como vimos, a capacidade de resistir-lhes ou de aproveitá-las é muito diferente de uma religião a outra.

Em se tratando de católicos, limitamo-nos a considerar dois fatores bem concretos: de um lado, a possível influência das migrações ou dos movimentos da população brasileira, que parecem ter contribuído para enfraquecer o catolicismo; por outro, a resposta institucional, ou seja, o esforço feito (ou não!) pela Igreja para atender melhor às populações recém-chegadas nas frentes pioneiras ou na periferia das metrópoles.⁷

Julgamos mais prático não separar os dois aspectos, para não multiplicar tabelas semelhantes e oferecer logo uma visão mais completa. Assim, aos dados da população, quando oportuno, acrescentaremos dados sobre as estruturas eclesiais (dioceses, paróquias) e os recursos humanos mais significativos (presbíteros e religiosos).⁸

Paraná e Rondônia: dois pólos

Começemos por um exemplo que me parece bastante significativo. O Paraná teve um ritmo de crescimento demográfico diferente do resto do País. Depois de ter crescido bem acima da média entre 1960 e 1970 (+ 63%), atraindo expressivo fluxo migra-

⁷ Dispomos há pouco de um bom instrumento para esse estudo, o caderno n. 3 do Ceris: COSTAM, Evandro Luiz Alves. **Dinâmica populacional e Igreja Católica no Brasil 1960-2000**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ceris/Loyola-Paulinas, 2003, 50p. O autor estuda os fenômenos nos Estados ou nas grandes regiões (Norte, Nordeste, Sudeste, etc.). Tentaremos descer, quanto possível, a dioceses e municípios.

⁸ Seria importante considerar também outros agentes de pastoral e leigos militantes, mas, infelizmente, faltam dados estatísticos a esse respeito.

tório de fora, a partir de 1970 reduziu seu crescimento a níveis muito baixos e se tornou “exportador” de mão-de-obra (Tab. 8).

Tabela 8. Aumento percentual da população por período.

Local	1970-1980	1980-1991	1991-2000
Paraná	10,7%	8,9%	13,2%
Brasil	28,2%	21,3%	15,4%

Sabe-se que um bom número de paranaenses foi para Rondônia, cuja evolução demográfica é mostrada na Tabela 9.

Tabela 9. Evolução demográfica da população de Rondônia.

População em 1960	Período 1961/1970	Período 1971/1980	Período 1981/1991	Período 1992/2000	População em 2000
71.000	+64,8%	+329,9%	+124,8%	+21,8%	1.378.000

No mesmo período, as paróquias católicas passaram de cinco para 68 (aumento de 1.360%, enquanto a população cresceu 1.840%). A população por paróquia passou de 14.200 habitantes para 20.300 (pouco acima da média nacional de 19.324 habitantes).⁹ No Paraná, no mesmo período, o número de habitantes por paróquia passou de 18.100 (em 1960) para 13.000 (em 2000), número muito inferior à média nacional. Em outras palavras, na mesma proporção em que Rondônia piorou, melhorou o Paraná.

Um dado complementar: confrontando os dados do **Anuário católico** de 1977 com os dados de 2000, para a Diocese de Porto Velho (capital de Rondônia), temos, em 1977, 33 presbíteros para 112.208 habitantes (média de 3.400 habitantes por presbítero); em 2000, temos 42 presbíteros (aumento de 27%) e 496.755 habitantes (média de 11.827 habitantes por presbíteros; aumento de 342%). É claro o desgaste da presença pastoral da Igreja católica em Rondônia nesse período.

As regiões metropolitanas com várias dioceses

No estudo das regiões metropolitanas, iniciaremos com as duas maiores, que também são, até agora, as únicas em que o território metropolitano foi dividido entre várias dioceses. Nas outras metrópoles, uma só diocese abrange a capital – o centro metropolitano – e seu entorno.

⁹ As paróquias de Rondônia, porém, têm um território muito grande: quase 4.000 km² em média. As paróquias do Paraná têm um território 15 vezes menor (270 km², em média).

A situação do catolicismo está particularmente enfraquecida no Estado do Rio de Janeiro e na RM do Rio. É interessante observar que a Arquidiocese conservou apenas o município do Rio de Janeiro. Seu crescimento demográfico foi relativamente lento, isto é: 4.316.978 habitantes, em 1970; 5.090.723, em 1980; 5.480.767, em 1991; 5.857.904, em 2000 (total: aumento de 35,7%, enquanto o Brasil crescia em média 79,5%). Em 2000, no município do Rio de Janeiro, 60,71% dos habitantes se declaravam católicos. A arquidiocese contava com 542 presbíteros (média de um presbítero para 10.330 habitantes) e 240 paróquias (média de 24.408 habitantes por paróquia).

Bastante diferente é a evolução das dioceses vizinhas. Duque de Caxias foi criada em 1980, separando-se de Nova Iguaçu e Petrópolis. Compreende dois municípios: Duque de Caxias e São João do Meriti. Eles tinham população de 974.649 habitantes, em 1980, e de 1.224.932, em 2000 (aumento de 25,7%, enquanto o crescimento no Brasil todo foi de 40%). Apesar do pequeno crescimento, a Diocese de Duque de Caxias conta com apenas 32 presbíteros, um para 38.279 habitantes. Conta com apenas 19 paróquias (uma para 64.470 habitantes em média), mas com 215 comunidades, uma para cerca de 5.700 habitantes e 2.600 católicos, que representam 45% da população.

A Diocese de Nova Iguaçu foi criada em 1960, desmembrada de Barra do Pirai e Petrópolis. Compreende seis municípios: Belford Roxo, Japeri, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados. Em 2000, tinha 1.754.531 habitantes. A população, em 1980, era de 1.276.684 habitantes (crescimento de 37,4%; a média para o Brasil todo foi de 40%). Tinha 43 paróquias (média de 40.803 habitantes por paróquia) e 69 presbíteros (média de um presbítero para 25.428 habitantes).

Tabela 10. Evolução das dioceses de Duque de Caxias e Nova Iguaçu em relação a do Estado do Rio de Janeiro e da Região Metropolitana do Rio.

Dioceses	Número de paróquias	Habitantes por paróquia	Número de presbíteros	Habitantes por presbítero
Duque de Caxias	19	64.470	32	38.279
Nova Iguaçu	43	40.803	69	25.428
Rio de Janeiro	240	24.408	542	10.330

Pode-se concluir que a população das Dioceses de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, diferentemente de outros municípios das regiões metropolitanas, cresceram pouco (no período 1980-2000).

Mesmo assim, ficaram com um desenvolvimento institucional inadequado e com escassa disponibilidade de agentes de pastoral (ao menos de presbíteros, diocesanos e religiosos), como se pode constatar na Tabela 10. Tudo isso sugere que a Igreja católica deve repartir melhor seus recursos.

A outra Região Metropolitana que apresenta várias dioceses é São Paulo. Em 15.3.1989, a Arquidiocese de São Paulo foi desmembrada, e foram criadas as Dioceses de Santo Amaro, São Miguel Paulista, Campo Limpo e Osasco. O território das duas primeiras pertence ao município de São Paulo; Campo Limpo tinha (em 1999) 38 paróquias (num total de 60) inseridas no município paulistano. Só o território de Osasco era quase totalmente externo ao município de São Paulo; mesmo assim essa Diocese tinha três paróquias na capital. A essas dioceses, acrescentamos Guarulhos,¹⁰ muito próxima geograficamente.

O fato de essas dioceses dividirem o município de São Paulo torna difícil a comparação com o Censo 2000 do IBGE. Por isso, reproduzimos alguns dados significativos do **Anuário católico 2000**,¹¹ que novamente mostram a distribuição desigual de recursos entre a arquidiocese e as dioceses vizinhas.

Tabela 11. Relação de paróquias, habitantes e presbíteros nas dioceses de São Paulo.

Dioceses	Número de paróquias	Habitantes por paróquia	Número de presbíteros	Habitantes por presbítero
Campo Limpo	60	24.415	101	101
Guarulhos	31	35.350	41	41
Osasco	44	47.107	88	88
Santo Amaro	68	21.402	115	115
São Miguel Paulista	72	27.967	99	99
São Paulo	277	19.505	914	914

Para ressaltar as diferenças, basta observar que a Arquidiocese de São Paulo (em 1999) contava com 914 presbíteros para cerca de 5,4 milhões de habitantes, enquanto as outras dioceses, conforme apresentado na Tabela 11, com cerca de 8,9 milhões de habitantes, contavam com 444 presbíteros.

Outra metrópole: Belo Horizonte

No caso da RM de Belo Horizonte, é possível observar que o crescimento demográfico, entre o Censo de 1980 e o de 2000, concentrou-se nos municípios do entorno (Tab. 12).

¹⁰ Criada em 30/1/1981, desmembrada de Mogi das Cruzes.

¹¹ Cf. CERIS, **Anuário católico 2000**, Rio de Janeiro (esses dados, na realidade, são de 1999).

Tabela 12. Percentual de católicos em relação a população – 1980 a 2000.

Município	População em 1980	População em 2000	Aumento em %	% de católicos*
Belo Horizonte	1.780.839	2.238.526	25,7	68,84%
Betim	84.193	306.675	264,2	64,46%
Contagem	280.470	538.208	91,9	66,73%
Ibirité	39.967	133.044	232,9	61,48%
Ribeirão das Neves	67.249	246.846	267,1	62,90%
Sabará	64.210	115.352	79,6	65,44%
Santa Luzia	59.893	184.903	208,7	64,60%

* Porcentagem da população que se declarou católica no Censo de 2000.

Observe-se que a porcentagem de católicos é menor nos municípios onde o aumento da população foi maior, embora com pequenas diferenças.

Quanto aos recursos humanos da Igreja, a situação da Arquidiocese de Belo Horizonte é relativamente melhor que a das outras grandes dioceses. É bom destacar que a realidade eclesial de Belo Horizonte também é diferente dos exemplos de metrópoles já citados, já que as Arquidioceses de São Paulo e Rio de Janeiro passaram pelo processo de enxugamento com a criação de outras dioceses no seu entorno, fato que não ocorreu com Belo Horizonte.

Tabela 13. Relação de paróquias, habitantes e presbíteros nas dioceses de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Dioceses	Número de paróquias	Habitantes por paróquia	Número de presbíteros	Habitantes por presbítero
Belo Horizonte ¹	254	17.716	572	7.867
Rio de Janeiro	240	24.408	542	10.330
São Paulo	277	19.505	914	5.911

¹ Os dados de Belo Horizonte são de 31/12/2003; a população foi estimada em 4,5 milhões. Os outros dados são do Anuário católico de 2000.

A Arquidiocese de BH conta ainda, em 2004, com 1.500 comunidades, a maioria em paróquias de periferia, enquanto as paróquias centrais contam apenas com uma comunidade, a da igreja matriz.

Contudo, essa maior disponibilidade de recursos pastorais não impediu forte diminuição da porcentagem de católicos, que, no município de Belo Horizonte, passou de 80,09%, em 1991, para 68,84%, em 2000.

Uma hipótese: só os católicos praticantes são atendidos

É necessário, por isso, levantar mais uma hipótese explicativa. Formulamos essa hipótese já em 2002, na Assembléia Geral da CNBB, analisando os desafios pastorais da Igreja católica no Brasil.¹² “Restam, contudo, graves problemas: 1º) o tamanho das paróquias urbanas, que está acima (em algumas capitais, muito acima) da média nacional, já elevada [...]”.¹³ E acrescentava: nessa situação, “corremos o risco de ter um atendimento insuficiente do povo e um esgotamento prematuro das forças físicas e espirituais do padre. Acrescente-se, ainda, a advertência de que o número de católicos praticantes que permanecem, mesmo nas metrópoles, e podem ser 20%-30% do total dos católicos, é suficiente para criar uma ilusão de ótica e levar a conclusões pastorais equivocadas. Quando o pároco tem vários milhares de católicos praticantes para cuidar, além de outros que ainda procuram certos sacramentos, como o casamento para si e o batismo para os filhos, o trabalho pastoral de rotina (especialmente a administração dos sacramentos) se torna tão pesado que impede ao pároco de cuidar das *novas exigências* do seu público potencial. Pior: o pároco é inclinado a recusar toda novidade na ação pastoral, porque não suporta mais trabalho e, particularmente, o trabalho desgastante de lidar com o novo, o desconhecido, que exige mais preparo e, muitas vezes, a paciência da aprendizagem na base de “ensaio e erro”. Numa sociedade em rápida mudança, em que há necessidade de *lideranças inovadoras*, o trabalho pastoral está correndo o risco da perda de qualidade.

Essas considerações sugerem que os nossos párocos, mesmo os mais abnegados, não dão conta de acompanhar, a não ser precariamente, a massa dos católicos que não praticam regularmente e mantêm apenas contatos esporádicos com a comunidade eclesial. Isso facilitaria o êxodo de católicos tradicionais para outras igrejas ou religiões.

Conclusão

Embora nossa análise esteja longe de ser exaustiva, cremos ter mostrado que a diminuição da porcentagem de católicos está associada ao rápido crescimento populacional (migrações!) e à lentidão ou insuficiência da resposta pastoral da própria Igreja a

¹² Texto publicado com o título “Perspectivas pastorais” no Comunicado Mensal da CNBB, em abril de 2002.

¹³ Segundo o Ceris, em 2000, havia 8.787 paróquias com uma média de 19.324 habitantes.

esse fenômeno demográfico. Um estudo mais aprofundado será possível, esperamos, num próximo futuro.¹⁴ Seria prematuro concluir agora, em termos definitivos, mas o estudo dos dados parece sugerir que, muitas vezes, não foram os fiéis que abandonaram a Igreja católica, mas esta deixou sem o devido acompanhamento pastoral importantes grupos da população.¹⁵

O estudo das igrejas evangélicas e das outras religiões, adiante, confirmará que a expansão de uma religião está ligada ao seu dinamismo, à sua capacidade de mobilização e à sua estratégia de evangelização.

A EXTREMA DIVERSIDADE DAS IGREJAS EVANGÉLICAS

Abordamos agora o estudo das igrejas evangélicas no Brasil do Censo 2000. Não temos nenhuma pretensão de sermos exaustivos, tanto mais que essas igrejas apresentam enorme variedade de doutrinas, formas de organização, estratégias de evangelização. As igrejas evangélicas são classificadas geralmente em dois grandes grupos: as *tradicionais* ou históricas e as *pentecostais*. Abordaremos as primeiras neste artigo; as outras, num segundo artigo.¹⁶ Acreditamos que o estudo das igrejas evangélicas (e das outras religiões, nos próximos artigos) confirmará que a expansão de uma religião está ligada ao seu dinamismo, à sua capacidade de mobilização e à sua estratégia de evangelização.

Protestantes tradicionais: imigração X conversão

Entre os protestantes que chegaram ao Brasil, depois de pequenos grupos de anglicanos (ou episcopais), ligados à presença inglesa após 1810, os imigrantes mais numerosos foram **luteranos** de origem alemã. As duas primeiras comunidades da hoje Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) foram constituídas em Nova Friburgo (RJ) e São Leopoldo (RS), em 1824. “A IECLB tem sido considerada igreja de etnia, igreja de alemães e seus descendentes” (MENDONÇA, 1989, p. 54). “No entanto, hoje a IECLB é, das igrejas protestantes tradicionais, a que mais avançou na direção da identificação com os problemas da sociedade brasileira, principalmente na defesa dos injustiçados” (MENDONÇA, 1989, p. 54) e na direção do ecumenismo.

¹⁴ Aguardamos principalmente um segundo volume do **Atlas da filiação religiosa**, por JACOB; HEES (com Ph. Waniez e V. Brustlein), da PUC Rio, que prometem analisar os dados do Censo 2000 sobre religiões com base nas dioceses e comparando-os com os dados estatísticos do Ceris relativos à Igreja católica e suas instituições.

¹⁵ Numa pesquisa realizada pela PUC do Rio de Grande do Sul sobre os católicos batizados afastados, a reação dos interlocutores quando interrogados sobre o motivo do afastamento é bastante significativa: “Católicos afastados? Nunca! Quem se afastou de nós foi a Igreja”. (Cf. GUARESCHI, P.; GRISCI, C. L.; RUEDELL, P. **Igreja questionada**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 90).

¹⁶ Para quem desejar mais informações, recomendamos a leitura do precioso ensaio de MENDONÇA, Antônio Gouveia de. Um panorama do protestantismo brasileiro atual, publicado no Caderno 22 do Iser, **Sinais dos Tempos: tradições religiosas no Brasil** (Rio de Janeiro: Iser, 1989), p. 37-86. Do mesmo autor, um ensaio mais breve, mas mais atualizado, “Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação históri-

ca”, encontra-se na obra organizada por SOUZA & MARTINO (2004, p. 49-79). A mesma obra contém estudos sobre católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. Particularmente útil é o estudo de CAMPOS, Leonildo Silveira. **Protestantismo brasileiro e mudança social**, p. 106-136, que oferece uma análise das características dos fiéis (homens/mulheres, residentes no campo ou na cidade) das igrejas protestantes ou evangélicas. Outros estudos recentes (geralmente breves e sobre casos particulares) podem ser encontrados em: SIEMERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito M. **Religião no Brasil**. Enfoques, dinâmicas e abordagens. São Paulo: Paulinas, 2004, 158 p. – Informações essenciais sobre as igrejas evangélicas se encontram também no **Guia ecumênico da CNBB** (“Estudos da CNBB”, 21, 3. ed. atualizada, São Paulo: Paulinas, 2001).

¹⁷ Veja os mapas do **Atlas da filiação religiosa**, Figuras 4.25 a 4.29, p. 92-96.

¹⁸ Cf. os mapas do **Atlas da filiação religiosa**, Figuras 4.16 a 4.4.20, p. 83-87 e Figuras 4.30 a 4.33 p. 96-98.

Segundo o Censo 2000, 1.062.144 brasileiros se declararam luteranos, o que constitui cerca de 12,5% dos protestantes tradicionais. Não todos, porém, pertencem à IECLB. Uma minoria (entre 15% a 20%) pertence à IELB, ligada ao “Sínodo do Missouri”, uma comunidade luterana estabelecida na América do Norte por imigrantes alemães em 1847 e que, desde 1868, enviou missionários ao Brasil. A IELB é uma igreja pouco aberta ao diálogo e à cooperação com outras igrejas, mesmo evangélicas ou luteranas.

Os luteranos são distribuídos muito desigualmente no território brasileiro. Concentram-se em algumas áreas do Rio Grande do Sul e no leste de Santa Catarina, no Espírito Santo e em alguns lugares de migração recente (como Rondônia).¹⁷

Protestantismo de missão

A maioria dos protestantes tradicionais no Brasil pertence aos protestantes “de missão”. Na segunda metade do século XIX, chegaram dos Estados Unidos missionários presbiterianos, batistas e metodistas. Hoje as igrejas fundadas por eles contam com expressivo número de fiéis (sempre segundo o Censo de 2000 do IBGE):

Tabela 14. Protestantismo de Missão – 2000.

Protestantes	%
Batistas	3.162.700 (= 37,31% dos protestantes tradicionais)
Presbiterianos	981.055 (= 11,57%)
Metodistas	340.967 (= 4.02%)

A distribuição geográfica dessas igrejas é razoavelmente equilibrada,¹⁸ menos para os metodistas, concentrados no Sudeste, mas – com exceção dos metodistas – estão fracionadas em grupos diversos.

O que chama a atenção é o diverso crescimento dessas três igrejas, que iniciaram sua expansão no Brasil quase simultaneamente. Simplificando, temos hoje, para cada metodista, quase três presbiterianos e 10 batistas! Isso mostra quanto o crescimento depende de cada uma das igrejas, de sua mensagem e de sua atuação. Seria interessante comparar as três, para procurar compreender o crescimento de uma e as dificuldades de outra. Uma explicação é sugerida por Antônio Gouveia de Mendonça:

A Igreja Metodista, apesar de sua coerência teológica, cresceu menos que os presbiterianos em geral e os batistas. A razão pode estar na sua preocupação prioritária com a educação da elite brasileira, que compartilhava com os presbiterianos e batistas; estes, porém, logo superaram essa preocupação com ação evangelizadora mais agressiva e endereçada às classes inferiores pouco atendidas pela Igreja Católica e menos comprometida socialmente sob o ponto de vista religioso.¹⁹

¹⁹ Cf. MENDONÇA, 1989, p. 66.

Gostaria, porém, de ressaltar que a questão da “escolha” religiosa é complexa. Igrejas mais exigentes (como as batistas, que proibem a seus fiéis muitas coisas) podem atrair mais que igrejas liberais, que parecem facilitar a adesão ou até incentivá-la através de benefícios.

Também igrejas evangélicas, que aos fiéis pedem muito, são bem-sucedidas em atrair católicos, aos quais pedimos pouco. A hipótese dos observadores mais atentos é de que as pessoas aceitam os sacrifícios se eles ‘compensam’, se, em troca, recebem – por exemplo – uma experiência religiosa mais viva, uma comunidade mais solidária e fraterna, uma experiência emocionalmente mais forte.²⁰

²⁰ Para um aprofundamento da questão, é precioso o estudo de frei Paulo GO-LLARTE (2003, p. 163-178).

A segunda igreja evangélica mais numerosa, no Brasil, embora não seja uma igreja “protestante” em sentido estrito, é a Adventista, que, em 2000, contava com 1.209.835 fiéis (quase 15% dos evangélicos tradicionais). Ela está presente em muitas cidades do País e tem intensa atividade missionária na Amazônia Oriental (Pará, em particular ao longo da Transamazônica, e Maranhão).²¹

²¹ Cf. **Atlas da filiação religiosa**, Figuras 4.21-4.24, p. 88-91.

Há outras igrejas evangélicas de missão pouco numerosas, como a Congregacional, a Menonita, a Anglicana, o Exército da Salvação.²²

²² Sobre sua distribuição geográfica, cf. **Atlas da filiação religiosa**, Figura 4, 34-37, p. 98-99.

Uma visão geral das igrejas evangélicas de missão é dada por seu “perfil”.²³ Esse resalta os traços comuns, mas esconde as diferenças. Mesmo assim é interessante apresentá-lo. Ele é estabelecido com base na média nacional da população: de cada grupo religioso nos diz se apresenta características acima ou abaixo da média.

²³ Cf. **Atlas da filiação religiosa**, Figura 4.04, p. 77. O “perfil” pode ser completado pelas informações sobre o caráter urbano/rural e masculino/feminino das igrejas evangélicas oferecido por CAMPOS & MARTINO, 2004, p. 106-136).

Os evangélicos de missão, por exemplo, têm residência urbana acima da média. São menos presentes no meio rural. Têm maior número de mulheres (cerca de 10% a mais que a média) e um número menor de homens (na mesma proporção). Quanto à idade, contam com poucas crianças e um número elevado de adultos (31-40 anos) e de idosos (61 anos ou mais). Quanto à

raça ou cor, predominam claramente os brancos, mas há excepcional penetração na população indígena (50% a mais que a média), o que indica forte atividade missionária. Quanto à educação, têm muito poucos analfabetos, e sobressaem nitidamente à média na educação média e superior, inclusive mestrado ou doutorado. Quanto à atividade econômica, contam com poucos agricultores (como era de se esperar!) e poucos empregados na indústria; têm um número notavelmente alto (+ 35% acima da média) na administração e serviços públicos. Têm um número relativamente baixo de domésticos e empregados, mas um número elevado (mais de 20% acima da média) de empregadores. Coerentemente, quanto à renda, têm menos gente abaixo de dois salários-mínimos (SM), mas cerca de 25% a mais que a média nas faixas de 6-10 e 11-20 salários-mínimos. Os ricos (21 SM ou mais) estão um pouco acima da média, mas são mais raros que a classe média.

Diversidade e competição

O quadro que acabamos de apresentar mostra que o mundo evangélico está muito diversificado e que não pode ser tratado mediante generalizações. A competição entre as igrejas evangélicas tradicionais parece pequena. Os protestantes “tradicionais” sofreram forte impacto pela expansão dos pentecostais, mas, no último censo, mostraram sinais de progresso e recuperação de posições perdidas. Com efeito, os protestantes tradicionais, que tinham alcançado 3,4% do total da população brasileira em 1980, recuaram para 3,0% em 1991, mas, em 2000, alcançaram 5,0% (aproximadamente metade da porcentagem de pentecostais). No avanço da década de 1990, os “tradicionais”, não sem conflitos e divisões internas, parecem ter adotado práticas “carismáticas” ou “renovadas”, próximas do estilo pentecostal. Os pentecostais serão nosso próximo assunto.

ENTRE O ESPÍRITO E A EMPRESA: A EXPANSÃO PENTECOSTAL

As igrejas cristãs que mais cresceram nas últimas décadas são as pentecostais. Mas há muita diferença entre as mais antigas experiências do Espírito Santo e o “marketing” das mais recentes.

O mundo pentecostal é ainda mais rico de expressões e variado que o protestantismo tradicional. Mas, ao mesmo tempo em que se dá extenso processo de fragmentação, uma tendência inversa trabalha para concentrar os pentecostais em poucas grandes igrejas, como se pode ver na Tabela 15.

Tabela 15. Igrejas Evangélicas Pentecostais no Brasil – 2000.*

Igrejas	Número de fiéis	% dos pentecostais
Assembléia de Deus	8.418.154	47,47
Congregação Cristã do Brasil	2.489.079	14,04
Igreja Universal do Reino de Deus	2.101.884	11,85
Evangelho Quadrangular	1.318.812	7,44
Deus é Amor	774.827	4,37
Outras	2.630.721	14,83
Total	17.733.477	100,00

Fonte: Censo IBGE 2000; cf. **Atlas da filiação religiosa**, p. 44.

* Sobre a distribuição geográfica das igrejas pentecostais, cf. Figuras 3.01-3.47, p. 45-67 do **Atlas**. Sobre o crescimento pentecostal, são muito importantes os estudos de MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999, e a mais recente tese de doutorado na USP (2001): **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**.

Como se vê, 85% dos quase 18 milhões de pentecostais estão concentrados em cinco igrejas; os outros 15% estão dispersos em centenas de igrejas médias, pequenas ou minúsculas. Vejamos as características de algumas.

A Assembléia de Deus foi fundada em Belém do Pará, em 1911, por missionários suecos, vindos dos Estados Unidos. Tem hoje quase metade dos pentecostais do País. Sua presença é mais forte nas regiões Norte e Centro-Oeste, mas é intensa também nas regiões metropolitanas. Ela se organiza geralmente em pequenas comunidades, que se subdividem e se multiplicam facilmente. Apresenta (depois de 90 anos de vida) alguns sinais de burocratização. Faz certo uso de publicações e livros próprios. Procura hoje dar mais formação a seus pastores. Quanto aos meios de comunicação social, adotou amplamente o uso do rádio.²⁴

Na mesma época da Assembléia de Deus e com a mesma origem na experiência pentecostal dos EUA (Los Angeles e Chicago), por iniciativa de um imigrante italiano vindo dos Estados Unidos, foi fundada, no Paraná e em São Paulo, a Congregação Cristã do Brasil. Ela é uma criação original, bastante diferente da Assembléia de Deus. Não dá autonomia às comunidades locais, conserva forte unidade na doutrina e guarda costumes rurais. Até hoje está muito presente nas áreas de origem (SP e

²⁴ Uma lista de rádios evangélicas se encontra em: <<http://www.radios.com.br/gospel.htm>> .

PR), mas se expandiu também no Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais e em Goiás, até a Bahia e Rondônia, em geral onde se estabeleceram migrantes paranaenses. A CCB usa só a Bíblia e o convite pessoal, evitando outros meios de comunicação. Foi dito que pertence à “cultura oral”.

Muito diferente é a Igreja “neopentecostal” Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), fundada por Edir Macedo, no Rio de Janeiro, em 1977. Mesmo recente, já ocupa o 3º lugar entre as igrejas pentecostais. Tem organização centralizada, de tipo empresarial, e aposta muito nos meios de comunicação social. Adquiriu e administra a rede de TV “Record”.²⁵ É a igreja mais distante do pentecostalismo clássico (e do protestantismo), tendo incorporado práticas religiosas populares, inclusive de cultos afro (naturalmente reinterpretados).

A Igreja do Evangelho Quadrangular, também originária dos Estados Unidos, firmou-se no Brasil em 1953, após a “Cruzada Nacional de Evangelização”. Foi a primeira a pôr o acento sobre a pregação às massas – reunidas debaixo de uma tenda de circo ou em estádios – e sobre a “cura divina”. Constituiu a transição entre o pentecostalismo clássico e o neopentecostalismo. Desenvolveu (pelo controle das massas) papel político importante, até então pouco presente no mundo pentecostal. Atualmente, está presente em capitais como Belo Horizonte e Curitiba e em áreas do Estado de São Paulo, e ainda – mais fracamente – em Minas e do sul do Paraná ao Rio Grande do Sul. Em suma, é uma igreja do Sudeste e do Sul.

A Igreja Deus é Amor é um típico exemplo de igreja da “cura divina”. Faz poucas exigências aos fiéis, que atrai com a promessa de curas e milagres. Está presente, sobretudo, no Sudeste. Também procura expandir sua rede de estações radiofônicas.

Variedade e traços comuns

Como se observa, estamos diante (mesmo sem considerar as múltiplas variedades recentes e as igrejas menores) de modelos bem diferentes de pentecostalismo, o que significa também que a competição com a Igreja católica se dá em vários campos e de muitas maneiras. Mesmo assim, é possível traçar um “perfil” geral dos pentecostais brasileiros, que revela alguns traços comuns.²⁶

As igrejas pentecostais, no seu conjunto, são mais urbanas

²⁵ Cf. no **Atlas da filiação religiosa** a Figura 3.33, p. 62, que apresenta a localização das estações retransmissoras da Rede Record e permite uma comparação com a distribuição geográfica da Iurd.

²⁶ Cf. no **Atlas da filiação religiosa** a Figura 3.06, p. 49.

que rurais, mais femininas que masculinas (têm cerca de 10% de mulheres a mais que a média), contam com muitas crianças (até os 15 anos), mas poucos adolescentes de 15-20 anos e, em geral, em todas as idades, estão um pouco abaixo da média. Quanto à raça ou cor, têm mais pretos, pardos e indígenas que a média; têm pouquíssimos amarelos. O nível de instrução é baixo. Quase não há fiéis com formação superior ou pós-graduação.²⁷ Quanto às atividades, têm poucos agricultores e funcionários públicos, mas possuem 50% a mais que a média de empregados em serviços pessoais (domésticos). O alto número de domésticos (com ou sem carteira) é confirmado pela posição na ocupação. Baixa porcentagem de empregadores. A renda também é geralmente muito baixa, com poucas exceções.

Como explicar o crescimento pentecostal?

Como explicar o crescimento pentecostal, embora existam também casos de igrejas pentecostais em retrocesso ou fracasadas? O assunto é evidentemente muito amplo e não admite respostas simplistas.²⁸ O pentecostalismo influenciou também o mundo católico, em particular a Renovação Carismática Católica (RCC).²⁹ Um dado a não ser subestimado são as raízes populares (portanto do catolicismo popular) do pentecostalismo.

Ricardo Mariano observou:

Na condição de religião cristã, a principal continuidade do pentecostalismo com a religiosidade popular brasileira consiste na crença em Jesus, demônios, milagres, mitos bíblicos, pecado, curas e intervenções sobrenaturais, feitiçarias, concepções escatológicas. Nesse sentido, geralmente também se ressalta o caráter leigo do pentecostalismo, que permite ao fiel entrar em contato com Deus sem depender da mediação eclesiástica. Essas semelhanças e continuidades entre a religiosidade popular e o pentecostalismo, a meu ver, facilitam a evangelização e a socialização dos novos adeptos das igrejas pentecostais.

E acrescentou:

A expansão da Igreja Universal veio reforçar ainda mais a interpretação que enfatiza a continuidade entre pentecostalismo e religiosidade popular. Pois, para tirar proveito evangelístico da mentalidade e dos simbolismos religiosos brasileiros, a liderança dessa igreja rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas das religiões concorrentes. Basta ver que a Universal realiza “sessão espiritual de descarrego”, “fechamento de corpo”, “corrente da mesa branca”,

²⁷ Com base no Censo 2000, Leonildo Silveira Campos constatou que 4,94% dos brasileiros têm 15 ou mais anos de estudo; os católicos têm a mesma porcentagem; os evangélicos tradicionais chegam a 6,42%, os espíritas a 21,11%! Abaixo da média estão os “sem-religião” (4,66%) e, nitidamente, os pentecostais (1,55%). Cf. o artigo do mesmo autor em SOUZA & MARTINO (2004, p. 136).

²⁸ Para uma discussão sociológica do assunto, cf. a tese de doutorado de Ricardo Mariano, citada na Tabela 15.

²⁹ Sobre o tema, recomendamos: CARRANZA (2002).

retira “encostos”, desfaz “mal-olhado”, asperge nos fiéis galhos de arruda molhados em bacias com água benta e sal grosso, substitui fitas do Senhor do Bonfim por fitas com dizeres bíblicos, evangeliza em cemitérios durante o Finados, oferece balas e doces aos adeptos no dia de Cosme e Damião. Importante frisar que, no caso da Universal, a adoção desses expedientes não é irrefletida nem configura sincretismo involuntário. Pelo contrário. Constitui estratégia evangelística deliberada, bem pensada e que tem sido mantida, intensificada e até diversificada em razão de sua elevada eficácia.

O caráter empresarial e as técnicas de *marketing* estão contribuindo para a expansão dos “neopentecostais”. Em geral, parece valer o princípio:

As igrejas que mais investem recursos materiais e humanos na implantação de novas congregações tendem a crescer mais do que as que priorizam empreendimentos sem fins proselitistas imediatos, como a construção de escolas e de faculdades e seminários teológicos, como fazem as igrejas do protestantismo histórico. Quanto maiores os incentivos para que pastores e lideranças locais, mesmo leigas, criem pontos de pregação e novas congregações, mais ágil, acelerado e acentuado será o crescimento denominacional. (Autor ???)

Por incompleto que seja nosso breve “panorama” das igrejas pentecostais, cremos que ele ajuda a compreender algo do seu notável crescimento.

AS “OUTRAS” RELIGIÕES

O Censo 2000 quantificou também a presença de certo número de brasileiros que não se dizem filiados nem ao catolicismo nem às igrejas evangélicas. Não seria totalmente exato falar de religiões “não-cristãs”. Algumas certamente o são. Outras têm raízes ou influências cristãs ou se consideram parte da família cristã

Os grupos mais numerosos

As “outras religiões”, como aparecem na classificação do IBGE, representavam 2,5% da população em 1970, 3,1% em 1980, 3,6% em 1991, mas caíram para 3,2% em 2000. Nem há sinais de que devam crescer muito num próximo futuro, embora exerçam certa atração, como veremos, também entre católicos

ou cristãos. Em 2000, eram 5,4 milhões de brasileiros (se incluirmos os que não explicitaram claramente sua pertença) ou 4,7 milhões (se considerarmos os grupos que vamos agora descrever). Eles podem ser agrupados da seguinte forma:

- o grupo mais numeroso é constituído pelos espíritas (kardecistas), com 2.262.378 filiados (1,33% da população);
- poucos são, por outro lado, os que se declaram ligados a outras religiões mediúnicas e aos cultos afro-brasileiros (umbanda: 397.421; candomblé: 118.105; outros cultos afro: 9.485);
- um segundo grupo numeroso é constituído pelas Testemunhas de Jeová (1.104.879 ou 0,65% da população); o IBGE aproxima desse grupo as religiões que classifica como “neocristãs” (mórmons: 199.641; LBV: 12.115);
- entre as religiões orientais, temos 214.861 budistas e 151.082 fiéis da Igreja Messiânica e da Seicho No Iê; os hinduístas são apenas 2.908;
- temos ainda 86.819 judeus ou israelitas, 27.233 islâmicos, 17.092 seguidores de religiões indígenas e outros grupos (algumas dezenas de milhares) que se denominam “esotéricos” ou “espiritualistas”.

Alguns perfis

Dessas religiões, o **Atlas da filiação religiosa**, com base nos dados do IBGE, oferece o “perfil”. Não se esqueça que, em se tratando de minorias, às vezes muito pequenas, suas características podem estar muito longe da média brasileira!

Vamos iniciar pelos espíritas. Estão concentrados sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Triângulo Mineiro, Goiás, Porto Alegre. São predominantemente urbanos, com muito pequena presença no meio rural. Quanto à idade, predominam claramente as pessoas acima dos 31 anos. (Talvez seria interessante verificar as épocas de maior expansão do kardecismo. Nos anos 1950 se chegou a pensar que seria a segunda religião do Brasil. Hoje parece ter pouca penetração entre os jovens, mas influencia pessoas cultas e classes altas). Os espíritas têm duas a três vezes mais gente com educação superior ou pós-graduação que a média brasileira. Também têm o dobro de “empregadores” que a média e três vezes mais pessoas com renda acima de 21 salários mínimos.

Os números das religiões afro-brasileiras são surpreendentemente baixos. Vejamos:

Há cerca de 113.000 umbandistas no Rio de Janeiro e cerca de 60.000 em Porto Alegre. São Paulo tem 41.000. O candomblé (total: 118.000) tem 51.000 fiéis no Rio de Janeiro e grupos menores em São Paulo e Salvador. O candomblé e a umbanda estão quase ausentes no Nordeste. Os nordestinos preferem se declarar católicos? É muito provável que, em várias regiões do Brasil, católicos freqüentem cultos afro-brasileiros, ao menos esporadicamente ou nas festas.³⁰

As religiões neocristãs incluem principalmente as testemunhas de Jeová, mas também um grupo consistente de mórmons (“Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”) e poucos outros. Seus fiéis residem nas cidades, sobretudo nas capitais. O número das mulheres é significativamente (+ 25%) superior ao dos homens; também há muitos fiéis de raça negra. A condição social é geralmente modesta, tanto na instrução quanto no emprego e no salário (geralmente recebem entre três e cinco salários mínimos).

Nas religiões orientais, incluímos os budistas (quase 60% do total) e outras denominações de origem asiática, como Igreja Messiânica Mundial e Seicho-No-Iê. Seus fiéis são predominantemente de origem asiática (raça “amarela”) e de idade avançada (acima dos 41 anos). Residem especialmente no Estado de São Paulo, mas há grupos das novas religiões orientais numerosos no Rio de Janeiro; têm boa escolaridade, bons empregos e posição social, renda geralmente elevada.

Judeus e muçulmanos (islâmicos) representam minorias pequenas, mas privilegiadas. Contam com uma educação superior, numa proporção muito acima da média: os judeus têm 19 vezes mais pós-graduados (mestres e doutores) que a média geral, e os muçulmanos, seis vezes mais. Têm rendas altas e atividades econômicas relevantes, em que ocupam muitas vezes o papel de empresários; os muçulmanos se concentram mais no comércio. Há cerca de 14 vezes mais judeus que a média com renda acima de 21 salários mínimos e seis vezes mais muçulmanos. Geograficamente, os judeus se concentram nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro; os muçulmanos, em São Paulo e Foz do Iguaçu (PR).

³⁰ É o que constatou a pesquisa do Ceris em seis metrópoles brasileiras, em 1999 (publicada como: CERIS. **Desafios do catolicismo na cidade**. São Paulo: Paulinas, 2002). No cap. VII desta obra (“Perspectivas pastorais”), assinala: “O questionamento crítico, porém, não deve aceitar como “normal” que as pessoas tenham *uma só* religião [...]. A pesquisa encontrou, entre os entrevistados, 67,33% de católicos e 32,67% de não-católicos. O questionário (cf. pergunta n. 21) oportunamente indagou se o entrevistado freqüentava “cultos, reuniões ou celebrações” de outra religião. 22,5% dos católicos e 28,5% dos não-católicos respondem afirmativamente. A pergunta seguinte (n. 22), investigando a regularidade dessa freqüência, descobre que metade dos que responderam afirmativamente diz que o faz *sempre*, um terço o faz *raramente* e um sexto só *por ocasião de festas*. Aqui se percebe um mecanismo que facilita o “trânsito” de uma religião para outra ou que mantém a pluralidade das escolhas”.

Os “sem-religião”

No Censo 2000, surpreendeu também o crescimento dos “sem-religião”, que se tornaram – depois de católicos e evangélicos – o terceiro grupo mais numeroso, com quase 12,5 milhões (7,4% da população).

Essa categoria é pouco conhecida e pouco estudada. Mas os dados do censo revelam algo a seu respeito. Não se trata de uma elite (embora haja “sem-religião” também nas classes altas),³¹ mas predominantemente de pobres, que vivem em periferias metropolitanas (especialmente nas RM do Rio de Janeiro e do Recife, mas também de São Paulo e de Salvador), mas também em outras áreas.³² Os autores do **Atlas** assim resumem:

Ainda que o número de pessoas sem-religião ocorra em todo o território nacional, a distribuição das suas porcentagens apresenta grandes contrastes [...]. Assim, observa-se uma faixa contínua com elevados percentuais, ao longo do litoral, desde o Rio Grande do Norte até o Paraná. O Estado da Bahia, porém, apresenta proporções mais altas dos “sem-religião” em quase todo o seu território.³³

O fenômeno adquire grandes dimensões também nas regiões Norte e Centro-Oeste. Ao contrário, é muito fraco nas áreas de forte presença católica, como interior do Nordeste, Minas, sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul.

Os “sem-religião” são majoritariamente homens, de idade entre 16 e 30 anos, de todas as raças (menos da branca, escassa-mente representada), com instrução fraca e com empregos modestos (muitos sem carteira de trabalho) e salários também não elevados. Poucos estão casados regularmente, no civil e/ou no religioso, mas muitos vivem numa união consensual. Nas regiões metropolitanas, como já vimos tratando delas, os “sem-religião” geralmente estão nas periferias e alcançam porcentagens muito acima da média geral de 7,4%. Recordamos alguns exemplos: cidade do Rio de Janeiro, 13,33%; municípios próximos: Bel-forest Roxo, 27,02%; Japeri, 26,06%; Itaboraí, 22,45%; Itaguaí, 22,9%; Nova Iguaçu, 21,88%; Duque de Caxias, 21,74%; São João do Meriti, 20,36%; cidade do Recife: 13,33%; os municípi-os vizinhos têm entre 13% e 18,5% de “sem-religião”. A Região Metropolitana de São Paulo tem presença menos numerosa de “sem-religião” (de 7%-9% em São Paulo e municípios com mais católicos; de 11%-13% nos municípios com menos católicos),

³¹ Como é possível constatar pela presença, no conjunto dos “sem-religião”, de um grupo que se diferencia nitidamente da maioria, por ter educação privilegiada (pós-graduação) e renda alta.

³² Veja a Figura 6.02, p. 118, do **Atlas da filiação religiosa**.

³³ Cf. **Atlas da filiação religiosa**, p. 115. A forte presença de “sem-religião” no litoral da antiga colônia sugere um estudo para verificar se o fenômeno depende essencialmente de fatores atuais e/ou recentes ou se há causas históricas mais remotas e profundas. De qualquer forma, o catolicismo do litoral se apresenta diferente do catolicismo do interior do Nordeste ou de Minas.

mas mesmo assim acima da média nacional. Outros casos: Ipatinga (MG): 10,58%; Porto Alegre (RS): 8,18%.

“Sem-religião” não significa necessariamente ateu. Outras pesquisas encontraram apenas 1%-2% de brasileiros se declarando ateus. “Sem-religião” significa abandono das práticas religiosas e dos vínculos com as igrejas. Trata-se, muitas vezes, de cidadãos para os quais a luta pela sobrevivência é tão intensa que não lhes permite manter vínculos comunitários? Estaríamos diante, muitas vezes, de pessoas que, além de sem-terra ou sem-casa, sem-emprego, sem-instrução, também se tornaram “sem-religião”? E volta a pergunta angustiante: eles abandonaram as igrejas, ou as igrejas também os abandonaram ou, pelo menos, pouco cuidam deles?

Assim terminamos nosso olhar sobre o “panorama religioso” no Brasil.

ABSTRACT

Between 1991 and 2000, the percentage of catholics dropped from 83,3% to 73,9%, that of the evangelicals grew from 9% to 15,6%, and that of people ‘without a religion’ rose from 4,7% to 7,4%. How can we understand those changes? How far is the Catholic church responsible? This article starts with a view of religious diversity and the changes that took place in the last decades. It then goes on to discuss the ‘power and weakness of the Catholic presence’, drawing a ‘map of Catholicism’. The third part focuses on the causes of that ‘weakening’, mainly the migratory flows of the Brazilian population and the problems of the church response to those changes, in the ‘new migratory fronts’ as well as in the periphery of big urban centres. Beyond the Catholic scope, it analyses the diversity of evangelical churches and traditional protestants, and then ‘pentecostal expansion’, in its enormous diversity, with emphasis on neopentecostalism and its entrepreneurial professionalism. Finally, it considers the phenomenon of ‘other religions’ and the growing number of those ‘without a religion’.

Key words: Religion; Religious diversity; Brazilian religious panorama; 2000 Census; Catholic Church.

Referências

- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo brasileiro e mudança social. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulinas, 2004. p.106-136.
- CARRANZA, Brenda. **Renovação carismática católica**: origens, mudanças e tendências. Aparecida: Ed. Santuário, 2002. 320p.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÃO SOCIAL – CERIS. **Anuário Católico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ceris, 2000.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÃO SOCIAL – CERIS. **Desafios do catolicismo na cidade**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CNBB. **Guia ecumênico**. “Estudos da CNBB”, 21, 3. ed. atualizada, São Paulo: Paulinas, 2001.
- COSTAM, Evandro Luiz Alves. **Dinâmica populacional e Igreja Católica no Brasil 1960-2000**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ceris/Loyola-Paulinas, 2003, 50p.
- GOLLARTE, Paulo O. Carm. Vocações religiosas: altos e baixos. **Carmelus**, v. 50, n. 1, p. 163-178, 2003.
- GUARESCHI, P.; GRISCI, C. L.; RUEDELL, P. **Igreja questionada**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 90.
- JACOB; HEES; WANIEZ; BRUSTLEIN. **Atlas da filiação religiosa e a indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2003. 240p.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- MELMAN, Charles. A era do prazer. São Paulo, **Isto É**, 22 set. 2004. Entrevista.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia de. Um panorama do protestantismo brasileiro atual. **Caderno Iser**, n. 2, p. 54. Rio de Janeiro, Iser, 1989.
- SIEPERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito M. **Religião no Brasil**. Enfoques, dinâmicas e abordagens. São Paulo: Paulinas, 2004, 158p.
- SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 49-79.
- SOUZA, Beatriz M. de; MARTINO, Luís M. Sá. **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 136.